

EÇA DE QUEIRÓS E MACHADO DE ASSIS:

O TESTEMUNHO COMO SEGUNDA PELE

Prof^a. Dr^a. Monica Figueiredo

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Ao pensar a literatura do século XIX, uma reflexão sobre a importância das mudanças que assolaram a realidade oitocentista faz-se necessária quando se quer entender a trajetória percorrida por dois dos principais personagens criados pelo romance realista no Brasil e em Portugal: Bento Santiago, de Machado de Assis; e Carlos Eduardo da Maia, de Eça de Queirós. Tendo como pano de fundo uma realidade social marcada de perto pelo movimento da emigração; pelo recrudescimento da atmosfera bélica que adjetivou a experiência neo-colonialista; e pelo fortalecimento das forças econômicas lideradas por uma orientação capitalista, logo incorporada à fisionomia de uma burguesia enriquecida e entediada da paisagem “decadente” do Velho Mundo, o romance de queirosiano parece opor a agitação finissecular ao diletantismo improdutivo de Carlos Eduardo em *Os Maias* (1888). Do mesmo modo, a sociedade escravocrata e preconceituosa, assolada de perto por uma política de clientelismo e por uma religiosidade cerceadora, é o cenário social recriado pela narrativa de Machado de Assis, cenário este que em grande parte justifica o lugar do privilégio ocupado por Bento Santiago, em *D. Casmurro* (1899). O presente trabalho pretende analisar como a literatura vitoriana, nascida num século de apogeu dos valores viris, foi criadora de personagens inativos, assombrados pelo custo de uma atuação concreta, e de todo afastados da esfera do trabalho. É uma história do medo *em masculino* que se pretende recompor, ao perseguir os destinos destes herdeiros de casas e de famílias que nunca, de fato, conseguiram administrar.